

MARIANNE KAVANAGH

# Os Sinais do Amor



«Comovente e profundo.»

*The Daily Mail*

Para fãs de  
Jojo Moyes  
e  
David  
Nicholls

Se todos escondem os seus verdadeiros  
sentimentos, será que conhecemos  
verdadeiramente alguém?

TOP  
SEL  
LER

Para a Philippa

*2015*



A sala de espera estava pintada de branco sujo. A toda a volta, havia cadeiras de plástico azuis encostadas às paredes. A um canto, duas mulheres rodeadas de sacos de compras murmuravam, com as cabeças encostadas.

Era o tipo de espaço que fazia uma pessoa sentir que estava no sítio errado.

Kim estava sentada ao pé da janela, com o cabelo louro espetado em tufo.

Ele sentou-se. Está sempre calor nos hospitais. Mas não tirou o casaco para não dar a sensação de que estava a pressupor o que quer que fosse. Como se fosse bem-vindo.

— Já há notícias? — perguntou em jeito de saudação.

Ela abanou a cabeça.

Os sussurros no canto tornaram-se mais audíveis. Uma das mulheres ajeitou-se na cadeira, e um saco da Tesco caiu de lado, abrindo-se. Harry viu que lá dentro estavam caixas de pizza e um pacote de litro de leite.

— Queres que vá buscar-te alguma coisa? — perguntou ele a Kim.

Ela ergueu o olhar. Parecia que alguém lhe tinha posto dedadas de tinta por baixo dos olhos.

— Estás com um ar miserável — constatou ele.

— Obrigada.

Como de costume, ela estava com umas calças de ganga pretas, mas a t-shirt estava desbotada. Só se conseguia entrever os traços de um rosto a sorrir e as palavras BRIXTON LIVE! escritas a vermelho.

— O que eu quis dizer foi que estás com um ar cansado — esclareceu ele.

Ela não respondeu.

— Queres um café?

— O quê?

— Queres que vá buscar-te um café?

— Não.

Pouco depois, ele perguntou:

— Um chá?

— Cala-te, Harry! — Falou tão alto, que uma das mulheres que estavam no canto olhou para ela. — Se soubesse que ias passar a noite toda a falar, não te tinha ligado.

— Mas ainda bem que ligaste — retorquiu Harry lentamente.

Ela afundou-se na cadeira, derrotada.

— Achei que devias saber.

Naquele momento, as duas mulheres olhavam fixamente para eles. *Transformámo-nos numa cena de telenovela*, pensou Harry. Um espetáculo de domingo à noite na sala de espera de um hospital. Dirigiu-lhes um sorriso rasgado para as envergonhar, e elas desviaram o olhar. Uma delas endireitou o saco da Tesco e puxou-o para mais perto da cadeira onde se encontrava sentada.

Durante algum tempo, a sala ficou em silêncio. Harry queria fazer mais perguntas. Queria despir o casaco. Queria ir buscar café — de preferência a uma daquelas máquinas que têm expressos duplos. Mas não conseguia mexer-se. Sentia-se como uma mosca presa numa teia de aranha, envolto em seda pegajosa.

A porta abriu-se. Uma mulher de túnica e calças azuis olhou em redor. Kim empalideceu e endireitou-se na cadeira.

— Não se levante — disse-lhe a mulher. — Só vim dizer-lhe que já acabámos. O meu turno acabou e, por isso, só nos voltaremos a ver amanhã. Se ainda aqui estiver.

— O que é que está a acontecer? — perguntou Harry.

— O senhor é da família?

— Não, não é — respondeu Kim.

Harry leu o nome que estava no crachá. Dra. Annan.

— É um amigo — disse Kim, depois de uma pausa.

Harry olhou para ela de relance.

A médica disse:

— Não há alterações. Temos de esperar que o tratamento faça efeito.

— Daqui a quanto tempo é que vamos poder saber? — perguntou Kim.

— Desculpe, mas não sei dizer-lhe. É mesmo uma questão de esperar.

E, pronto, as informações ficavam-se por ali. Harry não conseguia acreditar que Kim ia deixar a médica ir-se embora. Viram-na sair da sala, e Harry sentiu uma necessidade tão grande de saber mais qualquer coisa, que quase gritou. Mas ele não tinha direito a saber mais nada. Não tinha direito a nada. Sentiu-se observado pelas duas mulheres no canto, que tinham estado a ouvir a conversa toda.

— É fantástico, não é? — disse ele alto e em bom som, dirigindo-se a ambas. — O Serviço Nacional de Saúde. Que profissionais tão dedicados!

Elas desviaram o olhar.

— Mas ela é boa — disse Kim.

— Eu não disse que não era.

Pensou que ela ia contrapor qualquer coisa. A antiga Kim tê-lo-ia feito de certeza, pregando-lhe um sermão sobre a necessidade de os serviços essenciais serem públicos. De cada um, segundo as suas capacidades, e, para cada um, segundo as suas necessidades. Mas ela não disse nada.

— Então, e agora? — perguntou o Harry.

— Agora, esperamos. — Não havia qualquer expressão nos seus olhos. — Ou, pelo menos, eu vou ficar à espera. Tu podes fazer o que quiseres.

— Aqui?

— Se quiseres, podes ir lá dentro. É a cama da esquerda.

— Também vens?

— Agora não.

Ela parecia tão pequena e indefesa, ali sentada na cadeira encostada à parede branca. Aquilo não condizia com ela. Kim era uma lutadora.

— Podia ir a casa buscar-te qualquer coisa. Uma muda de roupa? — sugeriu Harry.

Ela abanou a cabeça. E ele compreendeu. Se a vida é uma merda, não é um par de calças lavadas que vai ajudar. E, aliás, ela nunca se tinha preocupado muito com o seu aspeto. Isso era para Eva — com

as suas saias de hippie até aos pés, as suas contas e as suas longas écharpes. Harry engoliu em seco.

— Queres que ligue a alguém?

— Quem, por exemplo?

— À tua mãe? — Era como se estivesse a ouvir a voz dela. *Nunca tive muito jeito para doenças. É uma coisa tão cansativa.*

— Já lhe liguei hoje de manhã. Não pode vir.

Harry acenou com a cabeça. Não esperaria outra coisa.

— E o teu pai?

Kim olhou para ele, como se ele fosse completamente estúpido.

— Por que carga de água é que eu iria querer que ligasses ao meu pai?

Porque ele é da família. E é isso que se costuma fazer em situações como esta. Tentamos juntar à nossa volta pessoas que possam ajudar. Mesmo pessoas que não vemos há anos.

— E o Jake?

Kim levantou-se tão repentinamente que a cadeira deu um salto.

— Harry, se não te calares, vou sentar-me noutra sítio, está bem? Não é uma confusão qualquer em que tenhas de aparecer como salvador da Pátria. Fiz tudo o que era preciso fazer. Só te telefonei porque achei que tinha esse dever. Mas não preciso de ti. Estou bem sozinha.

Ela tremia.

Ao fim de pouco tempo, sentou-se, mas fez questão de manter a cabeça voltada para a janela. Embora não se conseguisse ver nada — árvores, autocarros vermelhos, ambulâncias — por causa dos estores brancos às ripas.

Harry tirou o telemóvel do bolso do casaco.

— Vou até lá fora. Venho mais logo.

Se Kim ouviu, não deu sinal disso.

No corredor, que tinha um cheiro intenso a desinfetante, Harry — no seu fato da City, de caxemira, feito por medida — encostou-se à parede. A sensação de impotência fazia com que sentisse o corpo leve, os ossos ociosos.



Kim estava maldisposta. O esforço do confronto com Harry tinha-lhe consumido a última réstia de energia. Quem lhe dera ter qualquer coisa no bolso para comer — nem que fosse um pacote de rebuçados de hortelã-pimenta ou um bocado de chocolate. Mas não tinha nada. Nem sequer tinha dinheiro na mala. Nisso ele podia tê-la ajudado. Andava sempre com dinheiro. Notas dobradas em molhos, prontas a serem retiradas e gastas.

— É o seu namorado? — perguntou uma das mulheres que estavam ao canto. Ambas olhavam fixamente para ela.

Kim abanou a cabeça.

— Não é nada de deitar fora — disse a mais alta. Tinha o cabelo tão puxado para trás que a pele da testa estava esticada e luzidia. Tinha umas argolas de ouro nas orelhas.

Riram-se as duas.

— Parece aquele ator da televisão — disse a das argolas à amiga. — Aquele italiano que está sempre a sorrir. Tu sabes... — Voltou-se novamente para Kim. — Então, quem é?

Kim apercebeu-se de que estava a tremer. Deslizou as mãos pelos braços.

— Sente-se bem?

Kim cruzou os braços sobre o peito.

— É esta espera, é o que é. Dá cabo de uma pessoa. Nós estamos aqui desde as três. Agora estão a tirar-lhe sangue. — Arrepiou-se. — Eu não consigo ver sangue. Nunca consegui.

Deixem-me em paz. Por favor, deixem-me em paz. Não consigo pensar em nada a não ser em como gostava de não pensar.

A porta abriu-se e uma enfermeira de uniforme azul apareceu à entrada. O coração de Kim quase parou. Mas a enfermeira olhou para as mulheres que estavam no canto.

— Já podem entrar.

Seguiu-se a atrapalhão de procurar os casacos e pôr as malas ao ombro. Quando iam a sair, a mulher que tinha falado olhou para Kim e acenou com a cabeça.

— Espero que corra tudo bem.

A porta fechou-se com estrondo. Kim estava de novo sozinha.

Só que, como de costume, Harry estava algures por perto. Harry estava sempre algures por perto. Kim afundou a cabeça nas mãos.



2006



— Não consigo vê-la — disse Kim.  
Lá fora, sob o sol escaldante de julho, todos os pais estavam lado a lado, a rir e a conversar como convidados num casamento. As senhoras com sedas cor-de-rosa e linho creme, e os homens com fatos cinzento-claros. As pulseiras de ouro reluziam, e os diamantes refletiam a luz, como raios de eletricidade. Os finalistas, com as suas vestes pretas, estavam alinhados como um bando de corvos.

Do cimo dos degraus de pedra, Kim perscrutou os rostos lá em baixo. Nunca conseguiu ter a certeza durante toda a cerimónia.

— Ela tem de estar algures — disse Izzie.

Estaria? Eva nunca chegava a horas a lado nenhum. Kim respirou fundo. Não penses nisso. Não penses em nada.

A seu lado, Izzie começou a acenar. Kim olhou para o fundo dos degraus, a multidão abriu caminho, e surgiu um homem de face enrugada e muito corada, apoiando o que parecia ser um sofá às flores.

Izzie esbugalhou os olhos.

— Tudo bem, querida? — perguntou o homem corado, inclinando-se para lhe dar um beijo.

— Foi lindo — retorquiu o sofá às flores. — Chorei o tempo todo.

O pai de Izzie parecia meio estrangulado pelo colarinho. Estava sempre a meter o dedo por detrás do botão de cima e a esticar o pescoço como um adepto de futebol que não consegue ver o campo.

— Então, conseguiu vir bem de Newcastle até cá — disse Kim para quebrar o silêncio que se ia avolumando.

— Sem problemas — respondeu o pai de Izzie. — Só foi complicado na zona de Alnwick.

— Mãe — disse Izzie, recuperando finalmente a voz —, onde é que arranjou esse vestido?

A mãe olhou para baixo, como se tivesse sido agradavelmente surpreendida pelo que viu.

— Fui eu que o fiz. O que é que achas?

— Trouxe um casaco?

A multidão dirigia-se para o lado onde elas se encontravam. A mãe de Izzie desviou-se para o lado, como se deslizesse em cima de rodas.

— Vamos tomar um chá? — sugeriu Izzie, em desespero.

Kim abanou a cabeça.

— Não posso ir ainda.

O barulho da multidão aumentava.

— Estás à espera dos teus pais? — perguntou o pai de Izzie.

Kim abanou a cabeça. A sensação de desolação estava de novo a invadi-la, como uma neblina fria. Não estava à espera dos pais. Nem sequer passaria pela cabeça da sua mãe viajar desde o sul de França. E o pai, que vivia em Leicester com a nova mulher e os filhos pequenos, nem sequer sabia a data da cerimónia da sua formatura.

— Não — respondeu. — Estou à espera da minha irmã.

— Então, e que tal tirarmos umas fotografias? — sugeriu o pai de Izzie, tirando uma máquina fotográfica já muito usada de um estojo de cabedal castanho.

Kim sentiu-se constrangida. Não queria intrometer-se nas recordações da família de outra pessoa. Era amiga de Izzie desde o primeiro ano, mas isso não significava que quisesse acabar em Newcastle numa moldura de prata em cima de uma televisão. Estava a tentar afastar-se discretamente para o lado para que ninguém notasse, quando, à sua esquerda, ouviu um grito e uma pequena explosão, como que de fogo de artifício. Alguém gritou «Cuidado!» tarde de mais, e Kim foi apanhada por uma erupção de *cava* ou *prosecco* ou, tanto quanto ela sabia (a cena passava-se em Edimburgo), um qualquer champanhe *vintage*. Pestanejou e cuspiu, ao mesmo tempo que alguém disse, «Oh, desculpe!» e, logo a seguir, viu-se completamente encharcada, rodeada de pessoas desejosas de ajudar, a limparem-na com lenços de papel e a aconselharem-na a despir o uniforme ensopado. Outra pessoa, talvez a senhora alta com um toucado azul brilhante, não parava de dizer: «Coitada! Olhem para aquilo! Parece um rato afogado.» E depois, no

meio de toda aquela confusão, enquanto sacudia champanhe do cabelo, ouviu uma voz conhecida.

— Kim! — chamou Eva.

Com um frémito de alegria, Kim ergueu o olhar. Lá estava a sua irmã, com os seus cabelos loiros quase brancos, a cara fina e o mesmo ar, sempre presente, de ligeira surpresa. E, no exato momento em que Kim a reconheceu — quando a familiaridade da pessoa que mais adorava no mundo a fez sentir-se viva outra vez, do alto da cabeça às pontas dos dedos dos pés — percebeu, com um baque no coração, que Eva não estava sozinha.

Ao lado de Eva, a sorrir, estava Harry.

Kim semicerrou os olhos.

— Mas que raio é que ele está a fazer aqui? — perguntou à irmã.



Os lavatórios eram minúsculos. Sempre que alguém abria a torneira, a água caía no esmalte branco e salpicava o chão todo. E, por causa disso, naquele sítio, os azulejos do chão eram traiçoeiros como gelo.

— Odeio-o — disse Kim.

— Eu sei. Já me disseste. Muitas vezes. — O sotaque de Newcastle de Izzie estava mais forte do que o habitual. Os seus pais tinham-no reativado, como açúcar sobre fermento.

— Ela não devia tê-lo trazido. Pelo menos, sem me pedir.

— E o que é que tu terias dito?

— Como assim?

— Se ela te tivesse pedido.

Kim empinou o queixo.

— Teria dito que não.

Tinham acabado de chegar ao restaurante para celebrar o seu novo estatuto de licenciadas. Enquanto os outros se iam sentando, Kim, ainda a ferver, tinha agarrado a mão de Izzie, puxando-a escada acima. Estava cheia de raiva, afogueada, como que numa torrente de lava. Imaginava-se como um vulcão a entrar em erupção e a transformar em pedra toda a gente à sua volta. Alguns anos antes, Eva, com um

súbito interesse pela homeopatia, tinha dito que o tipo constitucional de Kim era o fósforo, o que significava que ela era como se fosse um fósforo — rápida a incendiar-se e igualmente rápida a ser consumida pelo fogo. Uma revelação que não a tinha ajudado em nada. Kim preferia ter a calma e a beatitude da Gwyneth Paltrow.

— Sabes, para quem o vê de fora, ele até parece bastante normal — disse Izzie.

Izzie tinha uma grande admiração pelas pessoas que sabiam estar ao pé das outras. Era uma coisa que ela não tinha muito jeito para fazer. Devorava revistas, fazendo listas de produtos de beleza mágicos e livros de autoajuda. Escutava com toda a atenção quando alguém elogiava o ioga, ou as bagas goji, ou as vantagens de aprender japonês. Preocupava-a que o seu cabelo fosse demasiado rebelde, as pernas demasiado gordas e que mais ninguém achasse piada ao som dos gogotes.

— Olhamos para uma pessoa como a Kate Moss — costumava dizer —, e ficamos com a sensação de que ela foge a todas as regras. Mas toda a gente a adora. Então, o que é que uma pessoa deve fazer? — Kim achava aquilo estranho. Deixa as pessoas pensarem o que quiserem. O que mais uma pessoa pode fazer para além de ser ela própria?

— Ele estava a falar com o meu pai sobre o Michael Owen — disse Izzie.

Kim fez uma expressão confusa.

— Do Newcastle United. A lesão no joelho. No Mundial.

— É exatamente o tipo de coisa que o Harry faz — declarou Kim, irritadíssima. Estava apoiada no secador de mãos pendurado na parede, enquanto Izzie — a segurar com o pé a porta do cubículo para que não se fechasse — estava sentada na tampa fechada da sanita. — Descobre um assunto que interessa a uma pessoa e põe-se a falar disso.

— Mas isso não é crime, pois não? Ser falador...

A porta da casa de banho abriu-se, batendo contra a parede e deixando entrar o barulho do restaurante lá em baixo.

— Ai, desculpem — disse uma mulher de cabelo ruivo e vestido verde.

— Não se preocupe — retorquiu Izzie. — Só estamos a esconder-nos do Harry.

A mulher avançou, escorregou no chão molhado e precipitou-se de cabeça para dentro de um cubículo. Ouviu-se um pequeno grito de dor.

Kim voltou ao ataque.

— Ele enfeitiça as pessoas. Conseguo fazer com que gostem dele.

— Tu não gostas dele.

— Porque o conheço por dentro e por fora.

Izzie inclinou a cabeça de lado.

— Ou seja, estás a dizer que ele é um falso.

— Vê-se nos olhos dele. Não é franco.

— Não é franco...

— Esconde qualquer coisa — insistiu Kim, impaciente.

— Todos nós escondemos qualquer coisa.

— Tu não.

— Como é que sabes? — Izzie ergueu as sobrancelhas.

Kim mudou de posição. O secador de mãos ligou-se sozinho. Envolta em ar quente, gritou, para se fazer ouvir acima do barulho:

— Ele faz-lhe mal.

— À Eva? — Izzie esperou que aquele ruído parasse. — Ela sabe cuidar dela.

Não, não sabe. Não fazes a menor ideia. Ela não é nem de perto tão forte como parece à superfície.

— Há quem diga que ela se soube orientar — disse Izzie. — Ele é rico. É bonito. Não há aqui uma única rapariga que o rejeitasse.

É como se fosse um bocado de papel higiénico colado à sola do sapato dela.

— O que é que ele fez que te faz odiá-lo tanto?

Havia tanta fúria na cabeça de Kim que ela nem sabia por onde começar.

— Eu sei — disse Izzie, com um suspiro. — Ela é tua irmã. Ninguém é suficientemente bom para ela. Mas se é o que ela quer, estás a travar uma batalha perdida. Estás só a arranjar maneira de te sentires infeliz.

Ouviu-se a descarga do autoclismo no cubículo ao lado.

Izzie levantou-se.

— É como diz a oração da serenidade. Aceitar as coisas que não podes modificar, coragem para modificares as que podes e sabedoria para perceberes a diferença.

Kim ficou irritada com o conselho. Se calhar, devias ser tu a fazer isso, pensou ela, e deixares de tentar transformar-te no que achas que as outras pessoas querem que sejas. Mas depois sentiu-se culpada. Izzie só estava a tentar ajudar.

Quando desceram, ensurdecidas pelos gritos e pelo estrépito dos talheres a baterem nos pratos, foram obrigadas a encostar-se à parede por um empregado com um tabuleiro prateado na mão.

— Queres trocar de lugar comigo? — perguntou Izzie aos gritos. — Se quiseres, posso ficar ao lado dele.

Não faria diferença nenhuma, pensou Kim, seguindo atrás de Izzie pelo restaurante apinhado. Nem que ele estivesse na outra ponta da mesa. Aquela autoconfiança a sair por todos os poros. Aquela certeza de que tem sempre razão. Aquilo impregna-se no ar como uma neblina. Ri-se de tudo aquilo por que eu me interessava. Faz-me sentir pequena e insignificante — como se andasse meio perdida como uma pequena formiga enquanto ele passa imponente, como se fosse Deus. Quando o vi pela primeira vez, ele conseguiu obscurecer o sol. Que idade teria — 13 anos? Estava deitada no jardim das traseiras com uns calções velhos e um top curto, sentindo a relva longa sob os meus dedos e a tentar absorver o primeiro dia quente em várias semanas. Christine, a vizinha do lado, tinha dito que o mapa da previsão do tempo na televisão estava todo cor de laranja. Sentia a pele a escaldar. *Nunca te ponhas ao sol*, costumava dizer a minha mãe. *Envelhece muito*. Era aquele o meu gesto de rebeldia de adolescente — apanhar sol.

— Kim? Este é o Harry.

O mundo ficou às escuras. Um eclipse.

— Vamos comer um gelado — disse Eva. — Também queres?

Eu não conseguia falar. Estava meio a dormir, inebriada pelo calor. Não me saiu nem uma única palavra.

— Não queres gelado? — Uma voz profunda. Uma voz de rapaz elegante.

Ergui o olhar, mas não consegui ver a cara dele — só uma sombra, a erguer-se como um penedo, contra a luz branca ofuscante.

— És sempre assim tão faladora?

— Deixa-a, Harry. Ela prefere apanhar banhos de sol.

Protegi os olhos com a mão. E pude finalmente ver a expressão dele.

— Harry?

A rir-se de mim. Com a cara toda enrugada, a sorrir de orelha a orelha, como se eu fosse uma anedota.

— Harry? Anda embora.

E, então, ele afastou-se, e o sol cegou-me. Sentei-me, e o mundo estava esbranquiçado, como se alguém tivesse lavado tudo com lixívia. Continuei a segui-los com o olhar, enquanto se dirigiam para dentro de casa. Ele tinha mais uns 20 centímetros do que Eva, mas era magro. Era uma carga de ossos, como diria Christine.

Quando chegou ao cimo das escadas, parou.

— Então, aquela é a tua irmã mais nova.

Fiquei à espera, completamente imóvel.

— Sabes, com um sorriso na cara, até ficava bonita.

A dor. A raiva. Seria de esperar que passassem com o tempo. Mas não.

Durante a minha adolescência, ele passava a maior parte dos fins de semana em nossa casa. A ocupar espaço. Não havia ninguém que o impedisse. O meu pai tinha-se ido embora. A minha mãe vivia a pavonear-se em vestidos de cocktail e nuvens de Chanel, sempre disposta a passar o serão (a semana, o fim de semana) com qualquer pessoa que a convidasse. Ninguém poderia imaginar que a minha mãe tinha nascido por cima de uma tasca em Torquay. Pela voz dela, dir-se-ia que tinha crescido em Kensington — numa daquelas imponentes casas brancas com balaustradas de ferro fundido e amas com carrinhos de bebé que faziam lembrar a carruagem da Cinderela. A minha mãe adorava o Harry. *Faz lembrar o Montgomery Clift, quando era novo. Sabes, querida? Aqueles filmes dos anos cinquenta?* Dizia que ele e Eva faziam um casal muito bonito — ele alto e moreno a contrastar com a loura e frágil Eva.

Era a única coisa que interessava à minha mãe. As aparências.

Portanto, o meu pai não estava, a minha mãe nunca estava, e Harry estava sempre. Ia para a sala para ver televisão, e lá estava ele, deitado no sofá — com a cabeça num braço e os pés no outro, a ocupar os lugares todos. Quando não estava no sofá, encontrava-o no quarto de Eva, no andar de cima. Eu passava o tempo sentada à mesa da cozinha, com os livros de Matemática abertos à minha frente, a olhar para os retângulos imperfeitos e a ouvi-los rirem-se e depois sons de coisas



a caírem ao chão ou a voarem pelos ares, e música a toda a hora, as velhas músicas dos anos sessenta de que Eva gostava — os Mamas and Papas, Janis Joplin, Jimi Hendrix. Os Byrds, com as suas vozes em uníssonos ou em díssonos, como um pano a ser tecido. Eva dizia que uma das músicas deles tinha sido escrita pelo Rei Salomão. Vinha na Bíblia. Há um momento para tudo, e há um momento para cada propósito sob o céu. Se uma coisa não estiver a dar certo, não vale a pena desatar aos saltos e ficar cheio de stress. Isso é como dar cabeçadas numa parede de tijolo. Há um momento para nascer e um momento para morrer. Um momento para chorar e um momento para rir. Um momento para amar e um momento para odiar. Um momento de guerra e um momento de paz.

E um momento para calcular áreas e perímetros.

Desenhei um ratinho com o lápis no canto do livro. Tinha um focinho aguçado, duas orelhas grandes como parabólicas e uma cauda comprida e fina.

Não houve mais coisas a baterem. Deviam ter acabado de fazer sexo. Pinte as orelhas do rato.

Ouvi a porta do quarto abrir-se. Talvez ainda fossem os Byrds. Ou talvez fosse o Bob Dylan. O som de passos a descerem a escada. Arranquei uma folha de papel para esconder o rato.

Harry entrou na cozinha. Era quase da altura da ombreira da porta. Caracóis pretos luzidios, como se fosse um *cocker spaniel*. Uma camisa branca, meio desabotoada, tornando-lhe a pele ainda mais morena. Andava sempre de camisa branca. Como se nunca saísse do escritório.

— Estás a fazer os trabalhos de casa?

Não respondi.

Harry olhou de relance para a mesa.

— Matemática.

Achei que aquilo também não precisava de resposta.

— A Eva diz que achas difícil. Que não gostas de Matemática.

Não ia levantar os olhos para ele.

— Mas não é difícil. Se me deres cinco minutos, explico-te tudo.

Tão superior. Só porque andava num colégio privado. A ideia de estar sentada ao lado dele a olhar para um livro de Matemática deu-me vontade de vomitar. Debrucei-me sobre os meus retângulos. Fui

ouvindo os barulhos que ele ia fazendo enquanto preparava o chá, uma colher a cair no lava-loiça de aço inoxidável.

Quando ia a sair, parou à porta. Senti a presença dele ali, a observar-me. Depois disse:

— Sabes onde é que eu estou. Se mudares de ideias.

Desenhei um enorme nariz preto no rato, carregando com toda a força no papel. Tive a sensação de que o desenho estava a olhar para mim, ofendido.

Sim, eu sei onde é que estás. Porra! Estás sempre cá.



— Então, o que é que tu fazes, querida? — perguntou a mãe de Izzie, ajeitando-se na cadeira, por entre um mar de tecido às flores. Não era a única mãe que tinha aparecido em Edimburgo vestida de uma maneira estranha. Mas era a única que parecia usar toda a secção de cortinados da John Lewis.

— Nada de especial — respondeu Eva, a sorrir.

— É música — disse Kim — e defensora do ambiente.

Estavam numa mesa a um canto do restaurante, meio escondidas por uma parede falsa. Isso significava que a conversa delas não estava a ser abafada pelos gritos de alegria e pelos vivas com que os finalistas celebravam à sua volta. Mas também significava que a empregada estava sempre a esquecer-se de que elas se encontravam ali. É por isso que me sinto tão bêbeda, pensou Kim ao encher mais uma vez o copo. Não há comida suficiente para ensopar tanto álcool.

— Ou seja, anda sempre a viajar pelo país, de guitarra a tiracolo e de galochas, a calcorrear campos enlameados — acrescentou Harry.

Eva soltou uma gargalhada.

— O que é que tu sabes? — retorquiu Kim, fuzilando-o com o olhar.

O rosto de Eva era magro e descorado. Mas naquela noite, sempre que parava de sorrir, era impossível não reparar nos círculos escuros debaixo dos olhos. Kim franziu a testa. Estaria com algum problema? Normalmente, Eva nunca se deixava abater por nada. Às vezes, tinha dificuldade em perceber as outras pessoas. Mas, em geral, achava que

os problemas acabavam por se resolver, desde que as pessoas não se prendessem demasiado aos pormenores.

— Ele foi comigo uma vez — disse Eva. — A uma comunidade no País de Gales. Uma pequena exploração agrícola no meio de uma floresta. Eu disse-lhe que só podia formar uma opinião depois de experimentar.

Harry parecia pesaroso.

— Obrigaram-me a comer lentilhas.

— O vegetarianismo é uma forma muito mais eficiente de alimentar o mundo — atalhou Kim.

— E tofu fermentado.

— A questão é dar o melhor uso possível a um solo precioso.

— E cânhamo. — Harry franziu a testa. — Ou isso é um tecido?

Qualquer duelo aceso com Harry excluía todos os restantes. Kim sabia-o bem. Mas não conseguia obrigar-se a parar.

— Não podes fingir que comer um bife é uma escolha puramente individual. Não é. O que tu fazes afeta as outras pessoas.

A mãe de Izzie olhou de relance para o seu prato vazio como uma expressão de alarme.

— Basicamente — disse Harry —, a Eva nasceu no século errado. Quer andar com o relógio para trás. Nada de televisões, nada de carros, nada de medicina moderna. O ideal dela seria uma espécie de aldeia medieval. Ir buscar água ao poço. Moer a farinha à mão. Arrancar as batatas da terra. — Estava a falar com os olhos muito abertos e com ar de inocente. — Um mundo de pessoas cheias de furúnculos e dentes podres.

Até parece, pensou Kim. Eva irradia luz. Brilha. As crianças e as velhinhas olham para ela com um sorriso ansioso. Os homens seguem-na com os olhos, a pensar se as suas vidas poderiam ter sido diferentes com uma mulher daquelas a seu lado. Eva, com as suas estranhas roupas de hippie, perdida nos seus pensamentos, não nota o efeito que tem nas outras pessoas. Mas eu noto. E tenho o dever de a proteger.

— A Eva não pensa nada disso. — Kim cerrou as mãos sobre a borda da mesa, sentindo a goma agreste do pano branco. — Ela anda em busca de uma forma diferente de viver. Não tem rigorosamente nada a ver com andar com o relógio para trás. Tem a ver é com uma vida que não cause estragos ao planeta.

— Fazendo paredes de lama e palha — disse Harry.

— Vivendo em equilíbrio com a natureza.

— Entoando cânticos. Sempre houve muitos cânticos no País de Gales.

— Hoje em dia, já é um grande movimento — contrapôs Kim, em voz alta, porque parecia que erguer a voz era a única maneira de calar Harry. — Há comunidades por toda a Europa. Na Alemanha, Itália, Espanha, Portugal, Lituânia...

— Tínhamos de usar casas de banho de compostagem. Sem luz. Rodeados por ovelhas galesas.

— E em todo o mundo. Na Austrália, Brasil, Estados Unidos...

— Ela quer viver numa eco-aldeia — continuou Harry, inclinándose para o lado onde estava o pai de Izzie, que parecia completamente perdido.

— Quem? A Eva ou a Kim?

— Sabe? — respondeu Harry. — Pergunto muitas vezes isso a mim próprio.

— Deve ser muito mais barato produzir a nossa própria comida — disse a mãe de Izzie. — Às vezes, vou às compras e não consigo acreditar nos meus olhos. Os preços que pedem! Até disse a uma menina do Morrisons que um destes dias vai ser preciso assaltar um banco para comprar um pacote de bolachas.

— As alterações climáticas são provocadas pela avidez humana e por uma economia demasiado dependente do petróleo barato. — A voz de Kim ouvia-se agora por cima da algazarra do restaurante. As pessoas que estavam nas outras mesas olhavam para ela. Um dos empregados tinha ficado pregado ao chão, extasiado. — Não podemos continuar a tomar decisões egoístas porque se não vamos esgotar os recursos. Os políticos estão sempre a falar de crescimento. Mas aquilo que estão realmente a defender é o consumo desenfreado.

— Alguém quer sobremesa? — perguntou Izzie, soerguendo-se na cadeira. — Têm pudim de gengibre com molho de caramelo quente.

— Não sei — disse Harry. — Isso é vegan?

— O atual modelo económico é insustentável — continuou Kim, de rosto muito corado. — Temos de despertar para a realidade antes que seja tarde de mais. Que mundo queremos deixar aos nossos filhos e aos nossos netos? Se não começarmos a agir agora, vamos ficar sem tempo.

— Vamos procurar a empregada, Kim? — sugeriu Izzie.

Kim revirou os olhos. Izzie parecia estranhamente alheia a tudo aquilo.

— O quê?

— Vamos pedir a sobremesa.

— Não é preciso irmos as duas, pois não?

Izzie empurrou a cadeira para trás com tanta força que quase a fez cair. Ao ver a sua melhor amiga a atravessar o restaurante apinhado, Kim franziu a testa, confusa. Seria possível que Izzie estivesse zangada? Porquê?

— Eu preocupo-me muito — disse a mãe de Izzie, voltando-se para Kim, por entre um restolhar súbito de tecido de chita — com a ideia de vocês irem viver sozinhas. Está tudo muito bem enquanto estão em casa. Mas como é que vão conseguir aguentar-se, quando tiverem de pagar as contas?

— A Izzie pode ficar na nossa casa em Londres sempre que quiser — retorquiu Kim, olhando para Eva para que a secundasse. Mas a irmã parecia estar a evitar o olhar dela. Aquilo estava a ficar ridículo. O que é que estava a dar àquela gente toda?

— Se calhar, ela vai ter de aproveitar a tua oferta, querida. Quando acabar a formação de professores. Nunca se sabe onde é que será o seu primeiro emprego, não é?

Kim continuava a não conseguir imaginar Izzie a dar aulas. Uma vez, tinha-lhe perguntado, quando iam a sair de um espetáculo de comédia a que tinham ido assistir, já a altas horas da noite, a tremerem de frio: «Gostas mesmo de crianças?» Izzie pareceu ficar confusa. «É isso é obrigatório para a profissão?»

A mãe de Izzie ajeitou-se na cadeira.

— E tu, querida? Quais são os teus planos para o futuro?

Kim estava com dificuldade em concentrar-se. À sua esquerda, Harry e o pai de Izzie pareciam embrenhados numa conversa sobre verduras. Eva estava a brincar com uma faca de manteiga, a vê-la equilibrar-se na ponta do seu dedo e a refletir a luz. Estava cada vez mais calor no restaurante.

— Durante uns tempos, vou fazer qualquer coisa. Sei lá, trabalhar num call center, ou num bar, ou coisa do género. Só para ganhar algum dinheiro. — Apercebeu-se de que Harry estava a olhar para ela. Sentia

o olhar dele sobre ela como se fosse um peso-pesado. — E, depois, vou ver se arranjo emprego na área da habitação.

— Agente imobiliária?

— Não — respondeu Kim, com uma expressão de horror. — Políticas sociais.

Harry soltou uma gargalhada.

— E tu, Harry? O que é que estás a pensar?

— Ele é banqueiro. — Kim disse-o de maneira a que parecesse que ele pertencia a um mundo diferente. — É por isso que não consegue perceber porque é que algumas pessoas não conseguem pagar as rendas praticadas no mercado.

Izzie tentava passar por detrás da cadeira do pai.

— Ela vem já. E diz que o pudim de gengibre é uma delícia.

— Trabalha num balcão? — perguntou a mãe de Izzie. — É um daqueles rostos sorridentes atrás de um vidro de segurança?

Harry abanou a cabeça.

— Trabalho na City. Sou analista. Aconselho os investidores a escolherem os produtos que devem comprar.

— É apostador — atalhou Kim. — Só que aposta com o dinheiro dos outros.

Harry recostou-se na cadeira, com um sorriso rasgado.

— Ela não tem uma opinião muito boa sobre os bancos.

— Porque os bancos da City enriquecem à custa dos pobres.

— A City é a maior indústria do Reino Unido. Dá trabalho a milhares de pessoas.

— Ricas...

— Todas as pessoas. E paga impostos que financiam os subsídios à habitação, aos desempregados, o serviço nacional de saúde...

— Os banqueiros — contrapôs Kim, aos berros — são responsáveis por tudo o que há de errado neste país. São uns parasitas maldosos, umas verdadeiras sanguessugas. — Deu uma palmada na mesa para sublinhar o que tinha dito, fazendo tombar o seu copo de *Rioja*. Todos os olhares se concentraram na mancha enorme que continuava a alastrar e a ensopar a toalha branca, pensou Kim, como se fosse sangue.

A mãe de Izzie abanou a cabeça com uma expressão trágica e angustiada.

— Já imaginaram quanto é que um sítio destes gasta com a lavandaria?



— Sabes que mais? O que ele faz nem sequer é real. É uma ilusão. Fumaça e espelhos. Números num ecrã. Num minuto és rico e no minuto seguinte não és nada. Mas ele não se importa. Podes andar pelas ruas com todos os teus pertences num saco de papel que ele continua a pavonear-se no seu *Porsche*, a comer em restaurantes com estrelas Michelin e a caçar faisões. É isso que eles fazem, sabes? Matam aves que nem sequer voam, com asas tão frágeis que nem conseguem puxá-las para fora dos arbustos. Mas aqueles idiotas gordos de fatos às riscas vão à mesma à caça dos faisões, só para poderem dizer: «Olhem só para mim. Não sou o máximo? Matei um faisão. Matei um veado e pendurei os chifres na parede. Apanhei uma truta. Matei um leão. E depois fui para as Baamas no meu jato privado.» Acreditas que ele se está nas tintas para o aquecimento global? Disse que, por este caminho, pode ser que ainda se faça champanhe em Birmingham.

— Kim?

— O que foi?

— Estás bêbeda.

Kim e Izzie estavam de novo nos lavabos do restaurante. A refeição que tinha servido para festejar a sua formatura tinha chegado ao fim. Kim tinha uma vaga ideia de ter sido arrancada da mesa à força enquanto os outros procuravam os seus casacos. Tentou concentrar-se, agarrada ao lavatório. Olhou para o espelho e viu o seu cabelo loiro curto espetado em tufos, dando-lhe um ar de miúda apanhada por um vento forte.

Izzie estava à procura de qualquer coisa na mala.

— Tens de parar de gritar com toda a gente. Pareces o John Prescott a discursar. Não é o lugar nem o momento indicado para isso. Estávamos aqui para nos divertirmos. E não vale a pena irmos beber um copo ao hotel onde estão os meus pais, se for para levarmos com mais um sermão ecológico.

Kim apoiou a cabeça no frio da parede branca. O que é que está a acontecer comigo? Não queria gritar com ninguém. E nunca bebo de mais. Nunca. É uma questão de princípio. A Eva é que chega a casa de madrugada, a arrastar o passo, atira com a porta da rua e tropeça no tapete. Ainda me lembro disso de quando vivia em casa — ouvi-la a cantar aos berros às três da manhã, dar com vasos partidos. Costumava dormir com uma almofada por cima da cabeça. Era a única maneira de conseguir ter um pouco de paz. Nos dois últimos anos em que andei na escola, a Eva arranjou trabalho numa loja de brindes, a vender óleos essenciais e espanta-espíritos. Sempre com a cabeça mergulhada numa nuvem de incenso. Mas, à noite, ia sempre para a borgia e queria levar toda a gente com ela.

A maioria das pessoas tem dificuldade em dormir em residências universitárias. Portas a bater, gritos nos corredores. Mas as minhas duas primeiras semanas em Edimburgo foram uma bênção. Pela primeira vez, em muitos meses, conseguia dormir a noite inteira.

A porta da casa de banho abriu-se de rompante, dando entrada a um grupo de adolescentes que deslizaram pelo chão, como principiantes num rинque de patinagem.

Izzie conseguiu finalmente descobrir uma caixa de pó de arroz e retocou as faces.

— Eu sei que odeias o Harry. Mas estás a arranjar maneira de estragar a noite a todos. Incluindo a mim. Estava toda a gente a olhar para nós. Viste a mulher que estava na mesa ao nosso lado? Ria-se tanto, que achei que ela ia explodir.

Kim curvou a cabeça. Estou a agir como uma criança, pensou. A deixar-me levar pelas emoções. Será que deitei mesmo tudo a perder?

Quando olhou para cima, Izzie estava de olhos fixos no reflexo de ambas, lado a lado no espelho. Não podiam ser mais diferentes. Izzie fazia lembrar uma fotografia a sépia da mulher eduardiana perfeita — gordinha, com um ar doce, as faces rosadas e o rosto emoldurado por uma cabeleira escura. Kim — pálida, magra e deslavada — parecia um fantasma.

— O que foi? — Kim não gostava de ser observada daquela maneira.

— Estás a esconder-me qualquer coisa.



— O quê?

— Ele é um idiota pretensioso que anda com a tua irmã. Mas não é isso que faz com que o odeies. Há mais qualquer coisa.

Kim abanou a cabeça.

— Já vem de longe, não é? O que é que ele fez? Roubou-te a mesada? Matou o teu hamster? Cortou-te a corda de saltar?

Não percebes.

Izzie parecia pensativa.

— Sabes, às vezes as pessoas disparam umas contra as outras para esconderem aquilo que realmente sentem.

— O que é que queres dizer com isso?

— Se calhar, lá no fundo, gostas do Harry. Se calhar, querias para ti o namorado da tua irmã.

— Não! — Kim estava furiosa.

— Tens a certeza?

— Nem acredito que estejas a dizer uma coisa dessas. — Estava tão longe da verdade que chegava a ser insultuoso.

Izzie encolheu os ombros.

— Só estou a tentar descobrir o que é que está a acontecer. Porque a mim parece-me que tu fazes parte do problema. Ele só anda à pesca. Mas tu apanhas o isco. Sempre. E depois ele puxa a linha, e tu deixas-te enrolar.

Kim engoliu em seco.

— Deixas-te afetar por ele. E eu fico sempre a pensar porque é que será?

Ficaram assim por um momento, a olharem para si próprias — Izzie, rosada, a saúde em pessoa; Kim, acabrunhada e pálida, como se tivesse acabado de sair de baixo de um armário.

Kim desviou o olhar para o chão.

— No teu lugar — sugeriu Izzie —, eu fazia um esforço para não dirigir nem mais uma palavra ao Harry durante o resto da noite. Finge que ele não está lá. — Fechou a mala e continuou: — É que todas as outras pessoas gostam dele. E já sei que vais dizer que foi só para dar nas vistas, mas acho que foi muito simpático da parte dele ter pagado a conta. Nem deu tempo ao meu pai para encontrar os óculos. E depois ainda fez questão de dizer que era o nosso presente de formatura, para os meus pais não se sentirem

constrangidos. Deve ter sido uma fortuna. Com o vinho todo que bebemos...

As adolescentes começaram a sair dos cubículos. Uma delas escorregou, caiu de rabo no chão e desatou a rir à gargalhada.

— Pelo menos, ela deixou de beber — disse Izzie. — Já reparaste? A Eva não tocou numa gota de álcool durante todo o jantar.



Apesar de já ser tão tarde, as ruas de Edimburgo continuavam apinhadas. O ar estava quente. No caminho a pé de regresso ao hotel onde os pais de Izzie estavam hospedados, organizaram-se os seis em pares — Eva e Harry à frente, depois Kim e Izzie e, por fim, os pais de Izzie.

De vez em quando paravam para darem passagem a grandes grupos de estudantes barulhentos que ocupavam todo o passeio. Parecia que toda a cidade se tinha transformado numa enorme festa.

Kim tinha a sensação de estar a flutuar num mar de álcool. Não era nada agradável. Tinha medo de se afundar. À sua frente, Harry e Eva seguiam de braço dado, movendo os corpos ao mesmo ritmo. Ele estava inclinado para a direita para a ouvir, e as suas cabeças estavam juntas, uma escura e outra loira. Ninguém sabe o que eu sei, pensou Kim. Ninguém sabe quem ele realmente é. E não posso dizer a ninguém. Não quero que a Eva sofra.

Kim fechou os olhos por um segundo, tentando afastar aquele súbito jorro de recordações. No dia em que Eva fizera 18 anos. Tinha pedido a todos os seus amigos que se vestissem à *hippies*, numa recriação do Verão do Amor de 1967. Só Deus sabe o que outros moradores do seu bairro tão pacato terão pensado de tamanho enxame de lençóis, cafetãs e sandálias de cabedal na rua principal.

Mas em Nunhead as pessoas eram ótimas a desviar o olhar.

Meu Deus, pensou Kim, como eu odiei aquele tempo. Sentia-me como se fosse um polícia, a tentar impedir que Eva se autodestruísse. Depois de o nosso pai se ter ido embora, a Eva andou perdida durante algum tempo. Copos, droga — tudo o que pudesse obscurecer a realidade. Andava no último ano, mas estava sempre a faltar às aulas.

Nos últimos tempos, até aos exames faltava. A nossa mãe não ajudava nada. Andava embrenhada na sua própria missão de autodescoberta, a tentar aproveitar a vida ao máximo antes que fosse tarde de mais. Por isso, só sobrava eu para proteger a Eva. A irmã mais nova a cuidar da irmã mais velha.

Como na noite do seu décimo oitavo aniversário. Em maio de 1999. Era tão tarde, e a Eva ainda não tinha chegado a casa. Por isso, lá fui eu à procura dela. Tive de bater à porta de um *pub* durante uma data de tempo. Tinham-no fechado para uma festa privada. Lá dentro, tive de abrir caminho por entre uma muralha de corpos. Jefferson Airplane, Grace Slick, White Rabbit. Sândalo, baunilha, patchuli, haxixe.

E depois vi-a, sentada num banco de madeira mesmo ao fundo do balcão, com um vestido roxo de *patchwork* a cair à sua volta em grandes pregas de veludo — de faces coradas, olhos vidrados, como uma criança obrigada a ficar acordada muito para além da hora de deitar.

Não consegui impedir. Um segundo antes de chegar ao pé dela, a Eva inclinou-se para o balcão — com as pulseiras a chocalharem como se alguém tivesse deixado cair uma pandeireta — e desequilibrou-se. Caiu, de braços abertos, levando atrás de si copos vazios e garrafas de cerveja. Alguém gritou. Ou talvez tivesse sido eu. E, a seguir, eu estava ajoelhada numa poça de cerveja entornada e vidros partidos. Ela estendeu a mão e tocou-me na cara.

— Onde é que estavas?

Tinha-se cortado na mão — um golpe ensanguentado na base do polegar.

Eu tinha 14 anos. Nem sequer devia estar ali.

Estava alguém a agachar-se para a ajudar, puxando-a para cima, para que se pusesse em pé. À nossa volta só havia barulho e calor e pessoas. E sob os nossos pés, vidros a esmagarem-se.

— Caí — disse ela, espantada. — Caí do banco.

O Harry estava a segurá-la. Tinha o braço à volta da cintura dela. E ela apoiou-se nele, aninhando a cabeça no seu ombro. Ele levantou-lhe a mão, voltou-a, encostou a boca ao golpe e sorveu o sangue. Um gesto de uma intimidade tão obscena que tive vontade de vomitar.

— É a Dusty?

Pensei, por um momento, que a Eva estava a falar da mão dela. Mas estava a ouvir a música. De olhos fechados. A apagar-se outra vez.

Encarei-o.

— Porque é que não a impediste?

— *The Look of Love* — disse Eva. — Dusty Springfield.

— De cair? — Harry estava a sorrir, como se tudo aquilo tivesse imensa piada.

— De beber tanto.

— Até parece que eu tenho alguma influência no que a tua irmã faz.

Mentiroso, pensei. Mentiroso, mentiroso.

— Ela morreu, sabiam? — continuou Eva. — Há umas semanas. Com cancro da mama.

Queria levar a Eva para casa. Queria desinfetar-lhe a mão e pôr-lhe um penso. Queria fazer-lhe um chá e ficar sentada ao pé dela até que ficasse sóbria.

— Já podemos ir embora? Já são mais do que horas — disse eu

Ela esbugalhou os olhos. Mesmo com a luz lúgubre do bar, via-se quão intenso era o seu azul.

— Ainda é muito cedo. Ainda não te apresentei os meus amigos todos.

— Podes apresentar-mos noutra altura.

— Mas eu não quero ir-me embora.

— Magoaste-te.

Eva fez beicinho.

— É uma coisa de nada. O Harry toma conta de mim.

— Como sempre tomou?

— Prometo que, a partir de agora, não a largo nem por um segundo — disse o Harry.

— Pensas que confio em ti?

A Dusty esfumou-se e ergueu-se uma outra voz por cima do barulho do bar, a cantar *soul* num tom urgente e obstinado.

— *Try a little tenderness* — disse o Harry, com um sorriso escancarado.

Só me apeteceu dar-lhe um murro. A gozar com o Otis Redding.

Sempre se escondeu atrás daquele sorriso. O Harry Gentil. O Harry Simpático. O Harry Encantador. *Romeu e Julieta*. *Tão dedicado*. *E é de tão*

*boas famílias. Sempre foram ricos. Eton, acho eu. Ou Harrow. E, sabem, ele trabalha na City, nunca lhe vai faltar com nada. Que alívio para uma mãe saber que o futuro financeiro da filha está assegurado.* Toda a gente se deixou convencer. Toda a gente o adorava. Eu era a única pessoa que conseguia ver a pessoa que ele realmente era. E, por isso, tentou envenenar Eva contra mim. Sempre que discutíamos por eu querer um mundo diferente, um mundo de justiça, igualdade e equidade, ele gozava comigo, amesquinhava-me, fazia-me parecer estúpida.

— Ela foi sempre assim?

Domingo de manhã. A porta do quarto da Eva estava entreaberta. Eu estava no corredor, a ouvir os sussurros, a imaginá-los juntos na cama.

— Chiu, Harry. Olha que ela ouve.

— Ela é completamente fantasista.

— É a sua maneira de ser.

— É louca.

Doeu-me tanto. Não só o que ele disse, mas ouvir a Eva rir-se. Porque isso significava que estava do lado dele.

Descobri a verdade numa sexta-feira à noite. Estávamos num *pub* em New Cross. Uma data de malta da escola. A Damaris, claro. E o bando de idiotas do costume, de pulsos finos e barba mal semeada. Nenhum de nós tinha 18 anos e, por isso, não devíamos estar a beber. Mas o dono do *pub* fingia que não via, se nos ficássemos pela cerveja. É o que faz andar numa escola ao pé de casa. Confundimo-nos com aquilo que nos rodeia. Tornamo-nos invisíveis.

Levantei os olhos, e lá estava o Harry. Sentado a uma mesa a um canto com uma rapariga que não era a Eva. Uma rapariga de cabelo preto comprido.

Claro que um tipo pode beber um copo com uma amiga. Porque não?

Mas depois ele inclinou-se para a frente e beijou-a demoradamente na boca.

Para mim, foi como que um choque elétrico.

— Kim? Está tudo bem contigo? — A Damaris devia ter reparado na minha cara.

Fiquei doente. Apeteceu-me ir ter com ele e gritar-lhe. Mas estava demasiado tonta para me mexer.

Ele devia ter-me visto quando saiu. Passou mesmo ao pé da nossa mesa. Mas tinha o braço à volta da cintura dela e estava a olhar para ela, a rir-se. Não tinha olhos para mais ninguém.

No dia seguinte, fechei-me no quarto. Não saí de lá uma única vez.

— Está tudo bem, Kim? — perguntou a Eva, pela porta.

Não tinha coragem para a enfrentar.

— Estou a estudar.

— Eu e o Harry vamos ver uma banda hoje à noite. Queres vir connosco? — perguntou.

Sentia-me como se fosse leite coalhado — azeda e estragada. Culpada, como se fosse eu que andasse a traír alguém.

E não ficou por ali. O sudeste de Londres é enorme, estende-se por muitos quilómetros. Mas, não sei como, estava sempre a cruzar-me com o Harry e a rapariga de cabelos pretos. Parecia que o destino estava a esfregar-me aquilo na cara.

Ela era linda. Pele muito morena, argolas de ouro, batom vermelho. Quando olhava para o Harry, era como se estivessem a partilhar um segredo.

Queria contar à Eva.

Mas não tinha coragem. Porque sabia que a Eva o amava.

Disse a Damaris:

— Se soubesses que uma pessoa andava a ser enganada, dizias-lhe?

— Quem?

Abanei a cabeça.

— Não posso dizer.

A Damaris ficou a pensar e depois disse:

— Li algures que uma pessoa só faz isso para se sentir melhor. Não o faz pela pessoa a quem está a contar. Porque essa pessoa prefere não saber. Por isso, acho que não deves dizer nada.

E não disse. A Eva era demasiado frágil para encarar a realidade. Empurrava-a para demasiado perto do precipício.

Continuámos, portanto, a passar as noites juntos na nossa casa sem pais — a Eva, o Harry e eu — com todos os segredos a pairarem sobre nós, e eu olhava para ele com ódio, e ele devolvia-me um olhar interrogador e divertido. Às vezes, perguntava-me:

— Já arranjaste namorado, Kim?

Nesse tempo, eu ainda não sabia responder. Por isso, limitava-me a fuzilá-lo com os olhos.

— Posso dar-te umas dicas — dizia ele, a sorrir. — Uns conselhos sobre aquilo de que os rapazes gostam.

— Deixa-a em paz, Harry — dizia a Eva, empurrando-o.

Ele abria muitos os olhos.

— Só estou a tentar ajudar. O mundo é uma coisa medonha.

Eu ficava ali sentada, afogueada e confusa, a olhar para os seus caracóis brilhantes, a sua pele morena, o seu enorme sorriso branco, e pensava nele ao lado da rapariga de cabelos pretos compridos.

E só me apetecia aninhar-me e morrer.



Eram sete da manhã. E àquela hora o calor já irradiava do passeio. O sol reluzia num fio de prata, no fecho de uma pasta de cabedal, numa cabeleira loira. Uma vez, por entre uma multidão de funcionários da City, Harry teve a sensação de ter visto Kim. Sabia que ela tinha voltado para Londres, depois de ter arrumado a sua vida em Edimburgo. Mas a mulher parou para o deixar passar, lançando-lhe um olhar rápido e atiradiço por sob as pestanas e, nesse momento, ele viu que se tinha enganado. Kim, de punhos cerrados e com a testa furiosamente franzida, ter-lhe-ia dado uma cotovelada para o afastar do seu caminho.

As pessoas estão sempre à procura de padrões, pensou Harry. É um impulso natural. Porque os padrões poupam tempo. Tentamos reconhecer aquilo que já conhecemos para não termos de analisar a infinidade de informações com que somos confrontados. Se assim não fosse, a vida seria esgotante. Viveríamos ofuscados por um pânico constante.

Mas, às vezes, os padrões quebram-se, pensou, ao ser empurrado por uma enxurrada de transeuntes. Umas vezes, a sequência é a esperada. Outras vezes, é quebrada. Porquê? Erro humano? Uma mudança calculada? Ou apenas uma ocorrência aleatória que ninguém poderia ter previsto? Como Donald Rumsfeld dissera uma vez, há coisas que sabemos que sabemos. Há coisas que sabemos

que não sabemos. E há também coisas que não sabemos que não sabemos.

Às vezes, quando tudo se quebra, descobrimos um segredo que ninguém quer que saibamos.

Harry gostava de fazer aquele caminho, de manhã cedo, do metropolitano ao escritório. A cabeça estava inteirinha por sua conta, antes de o dia a encher de porcarias. No banco, chamavam-lhe o Homem de Gelo. Diziam que ele nunca entrava em pânico. Nunca fazia nada à pressa, nunca gritava, nunca praguejava. Aquela frieza não era intencional. Era como ele tinha aprendido a agir. Com um ar descontraído, calmo, sorridente. Mantendo em segredo o lamaçal da insegurança. Sem mostrar a ninguém aquilo que realmente sentia.

A vida é muito mais fácil quando mantemos as emoções à distância.

— Não és como os outros — disse-lhe Syed uma vez. — Não falas com ninguém.

— E como é que eu podia falar? Estou cá no fundo a olhar para cima.

Syed deu uma gargalhada. Mas Harry não estava a brincar. Tinha subido a pulso, desde o balcão das informações até um lugar à experiência na unidade de cuidados de saúde. Aos 24 anos, já tinha sido promovido a sócio, ficando a par dos colegas com cursos superiores. Mas nunca se sentia seguro. Podia desaparecer tudo num instante. Tinha a sensação de que era um impostor, à espera de ser desmascarado.

Syed deu-lhe uma pancadinha no nariz e disse-lhe:

— Ficas comigo, parceiro, e vamos subir juntos. Somos uma equipa.

— Ant e Dec.

— Batman e Robin.

— Itchy e Scratchy.

— O que eu tenho de especial — acrescentou Syed — é que nasci com sorte. O dinheiro adora-me. Não posso falhar.

Syed era *trader*. Não via qual era o interesse das análises feitas no departamento onde Harry trabalhava. Deixavam-no constrangido. Para ele, o *trading* era uma coisa intuitiva. O mercado era um animal selvagem que podia dar uma volta de repente e deixar uma pessoa desfeita.



— Confia no teu instinto. Se ela não estiver satisfeita, vais dar por isso.

Harry gostava daquela imagem, mas preferia confiar nas folhas de cálculo.

Às vezes, quando bebia de mais, Syed ficava quase furioso.

— Quantos analistas são precisos para mudar uma lâmpada?

— Não sei. Quantos analistas são precisos para mudar uma lâmpada?

— Ninguém sabe. Estão todos às escuras.

— Muito engraçadinho — retorquiu Harry, a sorrir.

— Sabes que mais? Vão à merda, vocês todos. — Era sexta-feira à noite, e o bar estava cheio de bancários. Syed, de olhos semicerrados, já tinha bebido duas garrafas de champanhe e estava a ficar com a língua entaramelada. — Vocês nem sequer existiam antes do Big Bang. Mas depois chegaram os Estados Unidos. E agora não podemos dar um passo sem os analistas. — Syed inclinou-se para a frente, e Harry sentiu na cara o bafo quente do amigo. — Não significam nada. Gráficos e tabelas e modelos e previsões. São coisas que vocês inventam como vos apetece. Arquitetam uma teoria qualquer e depois arranjam factos que a justifiquem.

— Portanto, não queres factos.

— Não.

— Não queres basear os teus investimentos em análises sólidas das perspetivas das empresas?

— Estou-me a cagar para isso. — Syed encolheu os ombros. — Não me interessa o que uma empresa faz nem o que produz. Tanto se me dá que seja dirigida pelo Rato Mickey como pela Madre Teresa. A única coisa que preciso de saber é qual é o momento certo para vender e para comprar. E como é que vou conseguir ganhar o raio de uma fortuna.

Harry soltou uma gargalhada.

— És a cara malvada do capitalismo.

Mas Syed não estava a ouvi-lo. Tinha visto uma rapariga muito bonita ao fundo do bar, com um vestido azul justo.

Harry sorriu ao lembrar a cena. Talvez o Syed tenha razão, pensou, quando, depois de o elevador chegar ao seu andar, passou pelas filas de secretárias até chegar à sua. Gostamos de fingir que

conseguimos prever o comportamento do mercado com modelos de computador e análises de variáveis e do risco. Mas, se calhar, é tudo uma ilusão. Se calhar, não controlamos rigorosamente nada.

Harry viu de relance o título da notícia no seu monitor. Merda.

Estava ainda a olhar, embrenhado nos seus pensamentos, quando o telefone tocou. Demorou algum tempo a atender.

— Vais ser tu. Daqui a um quarto de hora.

— E o Phillip?

— Não está.

Desligaram.

Harry voltou a olhar fixamente para o ecrã. Depois olhou para a secretária do seu chefe. Ninguém. Não há nada que faça o Phillip faltar ao trabalho, pensou. A não ser, talvez, um acidente de automóvel. Ele sempre foi muito depressa.

Harry fechou os olhos. Isto não pode estar a acontecer. Isto não pode estar a acontecer.

Passados dez minutos, com a cabeça a tinar de pânico, Harry entrou na sala de *trading*. À sua frente, filas e filas de *traders* e vendedores. Sentia-se no ar o frémido da expectativa antes de o mercado abrir, fazendo lembrar o nervosismo antes dos jogos. Harry concentrou-se em pôr um pé à frente do outro. Chegou ao pé do atril. Sentia o colarinho tão apertado que quase nem conseguia respirar. Teve um breve ataque de pânico por não se lembrar se tinha feito a barba ou não.

E agora a sua cara, a sua cara ampliada, estava em todos os ecrãs de projeção da sala de *trading* — ao mesmo tempo, nos escritórios do banco de Londres, Francoforte, Milão, Paris e Madrid —, e Harry viu a sua boca enorme a abrir-se e a fechar-se, como se fosse um concorrente do Factor X, e ouviu-se a si próprio (ele, um analista júnior, ainda um maçarico, o que é que ele sabia, o que é que ele realmente sabia?) a dar uma opinião, que parecia muito ponderada, de que, embora o novo medicamento não tivesse sido aprovado na segunda fase de testes da FDA\*, a empresa estava muito à frente da concorrência e ainda tinha mais duas possibilidades de passar esses testes, pelo que, apesar

---

\* FDA — U.S. Food and Drug Administration — Agência governamental dos EUA responsável pelo controlo dos alimentos e dos medicamentos. [N. do E.]

do pânico inicial, as ações da empresa tinham todas as probabilidades de terem a evolução prevista. Tinha a garganta seca.

Mas, estranhamente, o Harry-no-ecrã parecia bastante descontraído. Ninguém poderia imaginar que o Harry-real, o Harry de Essex, o Harry das escolas medíocres onde nunca ninguém ambicionava nada a não ser, talvez, acabar a escola, estava tão assustado, que o seu coração devia estar algures, caído a seus pés.

E, depois, acabou, e Harry atravessou de novo a sala de *trading*, com a camisa molhada de suor colada às costas, e ninguém estava a olhar para ele horrorizado, nem a gritar com ele, nem tão-pouco a olhar para ele, porque já estavam todos de novo com os olhos nos dados em constante alteração nos monitores, a seguirem os movimentos minúsculos como gatos a observarem ratos na escuridão.

Consegui. *Consegui*. E quem sabe? Pode ser que tenha sorte. Pode ser que as ações se comportem exatamente como eu disse. De repente, sentiu-se gloriosamente feliz. Talvez, pensou, com um sorriso de orelha a orelha, seja como no *Ocean's Eleven* — um gigantesco conto do vigário. Não é o que dizemos que importa, mas a forma como o dizemos. Basta agirmos como se soubéssemos do que estamos a falar, e safamo-nos à grande.

Mas, quando voltou para a sua secretária, as dúvidas começaram a abater-se sobre ele. Tinha feito a aposta errada. Nunca deveria ter-se mostrado tão confiante. Como é que ele sabia se as ações iriam subir ou descer? Foi ver os e-mails. Havia um de Syed. *E o Óscar vai para...*

Harry sorriu. Tinha-se esquecido de que Syed estaria a ouvi-lo. Provavelmente, a deliciar-se com a encenação. Para Syed, o *trading* era um jogo. Adorava-o — as bisbilhotices, as facadas nas costas, a extravagância dos excessos (incluindo uma conta memorável de um almoço de dez mil libras). Syed, um rapaz do East End, vindo de uma família bengali, cujas raízes londrinas remontavam a 1770, levava tudo ao extremo. Era fanático pelo *fitness*. Praticamente não dormia. Até conseguia arranjar tempo para os vícios tradicionais da City, como jogar e frequentar clubes de *strip*.

Ninguém da sua família fazia a menor ideia das coisas em que ele se metia. Muito menos a mãe.

— Acho que devemos dizer sempre o menos possível às nossas mães. Só o que elas precisam de saber. Ou seja, nada.

— Quer dizer que és uma pessoa em casa e outra pessoa completamente diferente no trabalho.

— Não é assim com toda a gente?

Não, pensou Harry. A Eva acha que eu sou um rochedo — que é impossível conhecer-me por dentro.

Melanie, uma das secretárias, parou junto à sua mesa.

— Café?

— Vou buscar-te um. Preciso de espairecer.

Para o Syed, pensou Harry, enquanto se dirigia para a máquina do café, a City é como a *Guerra das Estrelas*. Uma batalha cósmica. Senta-se ali na sala de *trading* à frente de todos aqueles ecrãs com vida — Bloomberg, mensagens instantâneas, informação atualizada ao segundo — e está ali tudo o que ele pode querer. Competição, perigo, dinheiro, poder e o melhor jogo digital interativo jamais inventado.

Se calhar, é por isso que ele é tão bom no que faz, pensou Harry, enquanto via o café pingar para o copo. Trabalho com licenciados de Harvard, Yale, Oxford, Cambridge. Mas nenhum deles tem o faro do Syed para o mercado. Consegue perceber o que vai mudar antes mesmo de mudar. Sente o cheiro no ar.

Harry pousou um copo de plástico branco na secretária de Melanie.

— O que é que aconteceu ao Phillip?

Melanie ergueu o olhar, surpreendida.

— Pensava que sabias. — Hesitou. Depois desenhou um traço com o indicador sobre o pescoço, de uma orelha à outra.

Foi só quando Harry olhou para a secretária de Phillip que percebeu que ele tinha sido despedido. Estava vazia — sem papéis, sem canetas, sem pastas, sem fotografias. Era como se ele nunca tivesse existido.

Na City é assim. Ordenados chorudos. Segurança zero.



Kim empalideceu.

— Ele não pode fazer isto.

Estavam sentadas na cozinha da casa de madeira de Nunhead. A própria cozinha já tinha visto melhores dias — fora redecorada

pela última vez em 1991, quando o pai, num daqueles seus estranhos assomos de entusiasmo, tinha comprado várias latas de tinta amarela numa feira em Peckham. *Uma pessoa até fica tonta*, dissera a mãe, com o seu ar entediado, *parece que nos afogámos numa tina de leite-creme.*

Em cima da mesa estava uma folha A4 branca toda enrugada. Tinha passado tantas vezes de mão em mão que estava a ficar fina e gasta nas pontas.

— Não ta mostrei antes — disse Eva —, porque estavas em exames.

*Querida Eva,*

*Acabei de ligar para a tua mãe, em Nice, e ela pediu-me que te escrevesse.*

*Como sabes, a Kim vai acabar o curso no próximo verão. Isso significa que nem tu nem ela vão continuar a ser apenas estudantes. Como tal, passarão a ser pessoas adultas e responsáveis pelas vossas próprias finanças.*

*A intenção desta carta é informar-vos que pretendo vender a casa de Nunhead, assim que encontrarem um lugar para morar.*

*A Jia disse-me que talvez seja difícil encontrar uma casa em Londres com uma renda acessível. Por isso, estou disposto a esperar até ao fim do ano e a fixar a data de 31 de dezembro de 2006 como prazo para deixarem a casa.*

*Tudo de bom,*

*Pai*

Kim tinha os olhos esbugalhados com o choque.

— Ele está praticamente a transformar-nos em sem-abrigo.

— Vamos ter sempre casa — contrapôs Eva. — Desde que a Christine continue a morar ao nosso lado.

Christine abrigava todas as crianças abandonadas do sul de Londres.

— E se nos recusarmos a ir embora?

— A casa é dele. Se quiser, pode vendê-la.

— E a Mamã? A casa não é dela também?

Eva abanou a cabeça.



*Unidos pelo amor,  
separados por segredos e preconceitos,  
só na dor se irão encontrar.*

As irmãs Kim e Eva tiveram de aprender a cuidar de si próprias muito cedo, desde que os pais se separaram e cada um foi para seu lado. Kim é desconfiada e não gosta de aceitar a ajuda de ninguém, ao contrário da irmã que aceita e agradece todo o apoio que lhe é oferecido.

Quando Harry surge nas suas vidas, conquista Eva de imediato, com o seu charme irresistível, mas Kim não o aceita e não compreende o que é que um espírito livre como a irmã vê num banqueiro orgulhoso e convencido. Além disso, ele parece ter como passatempo favorito provocar Kim.

Então, Eva adoece, e tudo muda: Kim e Harry são forçados a passar mais tempo juntos. Os mal-entendidos que os separam e os segredos há muito escondidos começam a vir à superfície, alterando para sempre a vida de ambos.

Uma história encantadora e cativante, *Os Sinais do Amor* desenha um retrato comovente sobre os laços complexos da família, da amizade e do amor.

«Um romance surpreendente e uma lufada de ar fresco. Marianne Kavanagh criou uma história sobre laços familiares e equívocos românticos que consegue ser simultaneamente emocionante e profunda.»

*Kirkus Reviews*

<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8831-48-4  9 789898 831484 Romance contemporâneo
--	---